

O PODER ARGUMENTATIVO DE ORIBELA¹

ARGUMENTATIVE MOOD OF ORIBELA

Juliana Cristina Minaré Pereira ²

Guacira Marcondes Machado Leite³

Resumo: O presente texto pretende discutir como o ponto de vista argumentativo de Oribela, personagem narradora da obra *Desmundo* (1996), de Ana Miranda, é constituído e quais são suas implicações para o texto literário e suas reverberações fora da arte. Pretende-se compreender como essa construção discursiva influencia a percepção global do fato histórico tratado na obra, que coloca em evidência o pensamento de uma mulher, que questiona o poderio patriarcal masculino, determinado pela Coroa Portuguesa. Logo, o trabalho pretende trazer para a discussão uma nova forma de olhar para o período colonial, colocando em destaque a denúncia da forma desumana com que mulheres eram tratadas por serem mulheres, portanto, um ser considerado inferior. Interessa discutir como esse fato histórico ganha novas dimensões a partir da mudança da perspectiva narrativa, desconstruindo o discurso hegemônico predominante. Essas reflexões serão feitas com base nos estudos enunciativos trabalhados por Bertrand (2014) e Fiorin (2013), correlacionados com a metaficção historiográfica de Hutcheon (1991) e questões que transcendem o literário, como a filosofia de Beauvoir (2016).

Palavras chave: enunciação; discurso; argumentação; mulher; *Desmundo*.

Abstract: The present text intend to discuss how the argumentative mood of Oribela, Who is the figure and teller of Ana Miranda's book of *Desmundo* (1996) is composed and what are the principle results for the literary text and reverberations out of the art. It is intended to comprehend how this discursive unit affects overall perception handled in the book and shows the woman's idea, someone Who enquires the patriarchal Power determined by The Portuguese Crown. Then, the Project bringin to discussion a new way of looking at the colonial period, showing how women were mistreated just for being women, thus, they were considered inferior than the men. It is interesting to discuss how this historical fact takes on new and greater dimensions since the writer's view and it broke down the prevailing model. This reflections Will be done on the basis of Bertrand (2014) and Fiorin (2013)'s researches, which are related with Hutcheon (1991)'s historical metafiction and different ideas as the Beauvoir (2016)'s philosophy.

Keywords: enunciation, speech, argumentation, woman, *Desmundo*.

¹ Agência de Fomento: CNPq.

² Mestre em Estudos Literários pela Unesp Campus Araraquara.

³ Professora Doutorada em Letras (Língua e Literatura Francesa) pela Universidade de São Paulo (1991). Professora Livre Docente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Campus de Araraquara.

*Há intérpretes por todo lado. Cada um fala sua língua mesmo se
conhece a língua do outro. As astúcias do intérprete têm
um campo muito aberto e ele não esquece seus interesses.*
Derrida

1. Introdução

Sabendo-se que o ser humano é dotado da capacidade de fala e isto o constitui em sua essência, tem-se o mote do presente trabalho: analisar como o poder da argumentação na fala é capaz de influenciar pensamentos, alterar pontos de vista, ou, tão somente, lançar uma centelha sobre assuntos obscuros e silenciados, como é o caso da condição feminina abordada em *Desmundo*. Oribela, a personagem narradora, tem a chance de contar sua história e o que se pretende é analisar como sua forma de narrar é permeada por poder e força argumentativa.

É importante destacar que a obra de Ana Miranda, publicada em 1996, propõe uma revisitação do período colonial brasileiro, com enfoque na vinda de órfãs portuguesas para o Brasil, no ano de 1570, para que estas se casassem, mesmo contra a vontade, com os colonos. O objetivo elementar da Coroa de Portugal era formar uma sociedade que refletisse os valores e padrões culturais europeus, evitando a miscigenação dos portugueses com as índias, fato que ocorria devido à falta de mulheres brancas na colônia. Entretanto, o que chama a atenção na narrativa é a maneira como esse fato histórico é contado. Não há uma repetição da história oficial, ao contrário, sabe-se da vinda dessas meninas através do olhar de uma delas, a Oribela. Esta foi escolhida a dedo, pois a narrativa transforma-se num canal de denúncia e de imposição do ponto de vista de uma vencida pelo discurso dominante, porém, que não aceitou todas as imposições que lhe foram feitas. Ao contrário, ela lutou, fugiu e, principalmente, não se rendeu ao sistema patriarcal, vivendo todas as aventuras e desventuras no desmundo.

Sendo assim, faz-se necessário trazer para a discussão elementos que corroboram esse poder persuasivo do discurso de Oribela, que detém o poder da fala na narrativa.

Um argumento são proposições destinadas a fazer admitir uma dada tese. Argumentar é, pois, construir um discurso que tem a finalidade

de persuadir. Como qualquer discurso, o argumento é um enunciado, resultante, pois, de um processo de enunciação, que põe em jogo três elementos: o enunciador, o enunciatário e o discurso, ou, como foram chamados pelos retores, o orador, o auditório e a argumentação propriamente dita, o discurso. Esses três fatores concorrem para o ato persuasório. (FIORIN, 2015, p. 69)

A detentora da ação argumentativa expõe seus anseios sobre o desmundo, apresenta inúmeras questões que constroem uma nova maneira do leitor perceber o período colonial brasileiro. Ela defende a tese de que a vinda de mulheres brancas para o Brasil não ocorreu sem sofrimento ou qualquer tipo de abuso. Desmistifica-se, portanto, a ideia da colonização apenas como um feito de bravura dos homens que ousaram atravessar o mar. Assim, ter uma narradora feminina é construir, através da enunciação, um novo ponto de vista para esse fato histórico, ficando claro que a obra argumenta em favor da discussão e da problematização da condição da mulher nesse período. Logo, a estruturação e argumentação narrativa, bem como a escolha vocabular, são feitas com base na defesa dessa tese, desse ponto de vista que apresenta uma nova maneira de perceber a história da colonização brasileira, outrora contado de uma perspectiva masculina e patriarcal.

O ponto de vista e sua relação discursiva, portanto, têm grande relevância nesse trabalho, corroborada pela proposição de Denis Bertrand, que diz:

Mas o ponto de vista está igualmente implicado, na estruturação da narrativa, pela seleção de uma personagem e pelo desenvolvimento de seu percurso, que assume, então, uma função de regência. Essa escolha é determinada pelas coerções da textualização, cuja linearidade obriga a apresentar, de maneira sucessiva, o que é simultâneo. O que está em jogo é da maior importância, porque é em função dessa escolha que o conjunto narrativo vai se organizar e que os outros atores passarão a ocupar posições secundárias. Podemos falar nesse caso de perspectiva narrativa (BERTRAND, 2003, p. 114).

É na escolha da personagem narradora e na condução do ato enunciativo que o tom da narrativa é construído, promovendo a regência da história através de um olhar novo, apresentando ao leitor essa forma diferenciada de ver a história. São as impressões de Oribela sobre o desmundo que colocam a mulher no centro da discussão, promovendo a problematização da condição feminina, já que a narradora não polpa esforços para expressar tudo o que lhe perturba e desagrade nessa

sociedade que a subjuga, oprime e abusa. À medida que a menina órfã torna-se o centro da narrativa, o que está em seu entorno torna-se secundário, ou seja, a freira, o marido, a sogra, e até mesmo o discurso religioso perdem força diante da vontade daquela que não se curva ao sistema. Tal posicionamento combativo de Oribela é confirmado na passagem a seguir, que narra a sessão de escolha das órfãs para o casamento com os colonos.

E que não fazia mal ser eu tão cheia de diversas opiniões e bravezas, minhas vistas eram tão admiráveis quanto as estrelas do céu e saberia ele se fazer obedecer com reverência e acatamento à sua humilde pessoa, não fazia mal ter perdido eu pai e mãe nos impetuosos ventos do destino o qual com sua fúria havia feito em mim a execução de sua mão poderosa. Reparasse o homem na formosura de minha feição, na suavidade mulheril e esquecesse da rebeldia, tudo o mais era infalível. O homem me veio a mirar e no rosto lhe cuspi. (MIRANDA, 1996, p. 56)

Já no começo da narrativa Oribela deixa claro ao leitor qual é seu posicionamento diante do tratamento dispensado à mulher, é sempre arredia e contrária às normas e imposições. Nesse trecho, ela narra a descrição recebida do padre que a apresenta a seu primeiro candidato a marido, revelando que sua personalidade forte e questionadora já estava evidente para todos. Expressões como ‘diversas opiniões’ e ‘bravezas’ mostram que a narradora não se calava diante do que via, colocando-se adversamente frente à situação em que se encontrava. A hierarquia do masculino sobre o feminino fica explícita nos termos ‘se fazer obedecer’ e ‘acatamento’, que mostram como a mulher deveria se comportar diante do futuro esposo. Vale ressaltar que, como forma de compensar a rebeldia, seus atributos físicos são exaltados, como o brilho dos olhos e a ‘formosura’ de sua feição, afinal, o papel que cabia às mulheres nessa sociedade era o de esposa, que deveria ser bela e bem comportada. Oribela cumpre apenas um deles, já que luta contra o casamento. É no ato de cuspir no rosto do pretendente que sua forma rebelde de pensar fica evidente. Se sua constante manifestação de contrariedade com o casamento através da fala não resolvia o problema, Oribela usou de outra forma: agiu para conseguir escapar do matrimônio forçado. Essa atitude completamente fora do padrão comportamental esperado de uma menina criada em

um orfanato confirma toda sua insatisfação em relação às imposições da Igreja e da Rainha de Portugal.

Portanto, é possível perceber o tom enunciativo que permeia toda obra. Oribela posiciona-se contrariamente ao sistema, construindo seu discurso através de uma mistura de rebeldia, revolta e luta contra as imposições feitas à mulher. O poder desse argumento, que pretende ser bravo e resistente, será analisado ao longo do trabalho.

2. A instauração da enunciação feminina como ferramenta de resistência

Ampliando a discussão, é fundamental localizar *Desmundo* no cenário literário e como essa posição enunciativa é elementar para essa construção. Assim, trata-se de uma obra contemporânea baseada no conceito de metaficção historiográfica, cunhado por Hutcheon e que se constitui como “uma força problematizadora em nossa cultura atual: levanta questões sobre (ou torna problemáticos) o senso comum e o ‘natural’” (1991, p. 13). Nesse sentido, *Desmundo* enquanto construção metaficcional desempenha um papel questionador da história tida como oficial, pois apresenta um novo olhar sobre o que já estava naturalizado em relação à colonização, sempre conhecida pelo ponto de vista do colonizador. Essa discussão é construída através da linguagem e do ponto de vista enunciativo de Oribela, ou seja, é através da mudança do narrador que a problematização da questão feminina é desenvolvida na obra.

O texto literário em questão propõe a inserção da mulher no centro da discussão, colocando seu ponto de vista de forma central na proposta de revisitar o passado histórico. Com isso, passa-se a questionar o que está imposto e preestabelecido, trazendo para o debate questões que ficaram obscurecidas pela sombra do discurso dominante. É na pós-modernidade que esse tipo de discurso não hegemônico ganha força e passa a fazer parte dos círculos de debates sobre assuntos polêmicos, como é o caso da condição feminina. Faz-se necessário, portanto, definir tal período,

(...) aquilo que quero chamar de pós-modernismo é fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político. (...) Não é um retorno nostálgico; é uma reavaliação crítica, um diálogo irônico com o passado da arte e da sociedade, a ressurreição de um vocabulário de formas arquitetônicas criticamente compartilhadas. (HUTCHEON, 1991, p. 20)

Assim sendo, é na pós-modernidade que a voz da mulher, outrora silenciada, ganha força discursiva e possibilita que uma versão diferente sobre o fato histórico seja colocada em evidência. Há nesse posicionamento de Oribela, contrário aos padrões culturais da época, uma luta contra essa subjugação histórica da mulher pelo homem. Há, ainda, uma tentativa de mudar a condição feminina que perpassa o tempo e transcende o texto literário. *Desmundo*, portanto, não questiona apenas a situação da mulher no passado, mas levanta questões que perpetuam na contemporaneidade, como é o caso do casamento forçado em algumas culturas.

Nesse sentido, o posicionamento de Oribela subverte o que está preestabelecido como verdade universal. Essa é, destarte, uma característica do tipo romanesco desenvolvido na narrativa, como explicita Antônio Esteves ao dizer que “uma das marcas do romance histórico contemporâneo [...] é devolver a palavra a setores que tradicionalmente têm sido silenciados pelo discurso oficial, com o objetivo de construir uma versão mais útil” (2010, p. 188). Logo, é na pós-modernidade que essa possibilidade de questionar padrões surge na Literatura, que é, conseqüentemente, um reflexo da própria sociedade. Um fato real é ficcionalizado, cumprindo um papel problematizador de questões que transcendem o literário.

Isso posto, faz-se necessário compreender como essa metaficção é construída através da forma enunciativa, e como esse arranjo textual tem importância na obra. Desse modo, vale ressaltar que,

Por meio do ato de enunciação instauram-se, enfim, o ponto de vista, a focalização e a perspectiva. Essas marcas da presença do sujeito no trabalho da linguagem concernem não somente ao plano do conteúdo, mas igualmente àquele da expressão; com efeito, os fatores como o ritmo, o tempo ou a linha melódica do discurso estão estreitamente correlacionados à subjetividade enunciativa, embora sujeita a codificações convencionais. (BERTRAND, 2014, p.20)

Nota-se que aquele que detém o poder da fala, instala-se como sujeito que domina o discurso e com ele consegue colocar em evidência seu ponto de vista, sobretudo, consegue transferir para o texto elementos de sua subjetividade. É através do trabalho com a linguagem que se percebe o tema desenvolvido pela narrativa, bem como qual impressão a respeito dessa temática quer ser passada ao enunciatário. Em *Desmundo* percebe-se um grito que clama por independência, pelo domínio do próprio corpo e, ainda, brada por voz, pelo direito de expressar angústias e sentimentos. Quando Oribela consegue contar sua trajetória, sua voz representa um número sem fim de mulheres que nunca tiveram a oportunidade de dizer aquilo que realmente pensavam a respeito de inúmeros assuntos, como a imposição do matrimônio, mas, acima de tudo, de dizer o que pensavam sobre o abuso sexual, da exploração de seus corpos sem nenhum consentimento.

Ampliando o debate, tem-se a estratégia de instauração de Oribela como o *eu* discursivo da narrativa, logo, colocando todos os outros personagens como outros, como secundários. Portanto,

O eu é instaurado no ato de dizer: eu é quem diz eu. A pessoa a quem o eu se dirige é estabelecido como tu. O eu e o tu são os actantes da enunciação, os participantes da ação enunciativa. Ambos constituem o sujeito da enunciação, porque o primeiro produz o enunciado e o segundo, funcionando como uma espécie de filtro, é levado em consideração pelo eu na construção do enunciado. (FIORIN, 2008, p.137)

Compreende-se, destarte, que o sujeito enunciativo, o *eu*, se instala no discurso através da determinação do *tu*. Aqui, além do discurso do *tu* formar o *eu* enunciativo de Oribela, é ele quem dá força argumentativa à personagem, que estabelece sua personalidade através da luta contra o discurso patriarcal masculino, representado por esse *tu*. Ora, a narradora não se conforma com a imposição do casamento com um desconhecido, motivo pela qual foi retirada do convento e levada ao desmundo. Essa discordância faz com que ela se posicione, questione, cuspa, fuja.

Diante disso, cabe discutir também a questão da formação identitária de Oribela enquanto personagem que ocupa um lugar inusitado, proporcionado pela metaficção.

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre 'nós' e 'eles'. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder (SILVA, 2014, p.82)

Ao longo de toda narrativa, a narradora faz esse processo de demarcação de fronteiras, deixando clara essa separação entre ela e os outros, que não compartilham da sua opinião. O que se percebe é que, pela mudança da posição narrativa, o discurso que é considerado do outro, do diferente, passa a ser o centro da discussão. Em outras palavras, quando Oribela estabelece seu ponto de vista, portanto, determina sua identidade combativa, o discurso patriarcal passa a ser o outro, o diferente, o questionado, aquele que tem menor valor. E ainda, apesar de todo o sofrimento que é vivenciado por ela, o jogo de poder muda, pois é ela quem conta, é sua perspectiva da história que está sendo apresentada, questionando, dessa maneira, a hegemonia daqueles que detinham o poder da fala até então. É na pós-modernidade que esse movimento de afirmação da identidade daquele que foi sempre subjugado é possível.

Nesse sentido, o discurso feminino passa a ter importância nessa mudança de posicionamento discursivo, transformando-se assim em um discurso de resistência, como se lê a seguir,

[...] o enunciador realiza um fazer persuasivo, isto é, procura fazer com que o enunciatário aceite o que ele diz, enquanto o enunciatário realiza um fazer interpretativo. Para exercer a persuasão, o enunciador utiliza-se de um conjunto de procedimentos argumentativos, que são parte constitutiva das relações entre o enunciador e o enunciatário. (FIORIN, 2013, p. 57)

Oribela, enquanto sujeito feminino e enunciador, quer convencer seu enunciatário de que é melhor ser livre, que o casamento não deve ser uma imposição, que a mulher pode e deve manifestar sua opinião. A narradora lança mão de vários recursos para convencer que está completamente submetida à vontade da Cora de Portugal, da Igreja e do marido. Ela conta todos os sofrimentos aos quais

fora submetida para convencer que seu ponto de vista em relação à história deve ser levado em consideração.

E nos mandaram em joelhos rezar, que fazíamos pouco de nossos ímpetos mulheris dados ao demônio que devíamos temer e vigiar, vivia o Mau dentro de nossas almas negras, para não sermos arrebatadas pelo espírito do maligno e que depois nos fôssemos confessar em joelhos. (MIRANDA, 1996, p.41)

Nesse trecho, Oribela revela como a Igreja e seus preceitos morais corroboravam essa supremacia sobre o corpo feminino. A ela era necessária a constante penitência para aplacar o 'ímpeto mulheril dados ao demônio'. Ora, acreditava-se que por não ter um comportamento igual ao do homem, a mulher tinha o Mau instalado em seu corpo, sendo ela fonte de desavença, discórdia e ruína. Consideravam, ainda, que suas almas eram negras e malignas, mais uma forma preconceituosa de subjugação, associando a cor negra ao perigo e ao pecado. Como consequência desse pensamento imposto pela religião, restava aos seres inferiores e pecadores prostrarem-se de joelhos para a redenção de suas almas e corpos pecadores, ou seja, a penitência e a autoflagelação eram os únicos caminhos para a salvação. Nota-se nessa passagem um tom, não apenas de discordância, mas, sobretudo, de denúncia das condições as quais eram submetidas por serem mulheres. Oribela não se rendia, resistia.

Estabelecendo um paralelo entre a ficção e a realidade feminina contemporânea, que permanece reprimida pelo discurso patriarcal, a defesa argumentativa de Oribela com seu ponto de vista combativo e de denúncia serve como ferramenta de luta para mudar essa posição inferiorizada imposta pelo homem. É na pós-modernidade, deste modo, que essa renovação das ideias pré-estabelecidas torna-se possível, impulsionado pela força de movimentos feministas que lutam para tirar a mulher do papel de subalternidade determinado pela sociedade patriarcal. Essa luta de mudança de perspectiva acontece na vida real, refletindo na Literatura. Nesse sentido, fica evidente essa inter-relação entre a vida e a arte.

Logo, torna-se elementar trazer as ideias sempre atuais de Beauvoir para o centro dessa discussão:

Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpétuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. (BEAUVOIR, 1980, p.23)

Tal assertiva da filósofa francesa corrobora o que todos já sabiam, mas que, não era questionado: essa posição de subalternidade feminina determinada pelo homem e seu discurso patriarcal. É a partir dos movimentos feministas que as mulheres passam a questionar esse papel secundarista perpetuado ao longo do tempo e esse movimento contestatório dessa condição é expresso também na arte literária. Desse modo, é através da posição enunciativa adotada que *Desmundo* faz uma tentativa de retirar a mulher dessa posição de 'outro'. Ao inverter os papéis, Oribela transformou em 'outro' todos aqueles que a inferiorizaram de alguma maneira, homem ou mulher, já que lutou contra o silenciamento imposto pelo discurso dominante, deixando de ocupar um lugar secundário. Logo, evidencia-se a importância da argumentação no que diz respeito à formação identitária do sujeito, do seu posicionamento no mundo. Essa relevância do poder de fala está presente na arte e na vida, sendo que a primeira exerce uma grande e importante força sobre a segunda.

Diante do exposto, faz-se necessário, por fim, esboçar como essa diferença discursiva aparece na narrativa. Através da comparação entre um discurso e outro, bem como na discrepância entre eles, será possível perceber como quem detém o poder da argumentação ganha força de combate. Evidenciar-se-á a resistência de Oribela à medida que dá voz aos 'outros', sejam homens ou mulheres, que são, muitas das vezes, fonte de disseminação do discurso patriarcal.

3. *Desmundo* e seu contraste enunciativo

Para finalizar o estudo, apresentar-se-ão trechos que corroboram a personalidade combativa de Oribela com base no contraste entre os discursos que colaboram para sua formação enquanto personagem narradora e questionadora de sua condição. Ao longo da narrativa, percebe-se que a órfã está sozinha no que

tange à sua posição em relação aos fatos, não há dentre as personagens da narrativa nenhuma outra que tenha um pensamento que vai ao encontro de seus ideais. Essa falta de combate das próprias mulheres em relação aos abusos com seus corpos revela o medo que permeava todas as relações, tanto com os homens como com a própria Igreja, detentores do poder de determinar comportamentos.

Diante disso, faz-se necessário apresentar trechos em que esse embate enunciativo fica evidente, onde essas formas distintas de pensar aparecem de maneira latente, com destaque, sobretudo, para as posições discursivas que defendem um ponto de vista patriarcal vindas de outras personagens femininas que, ao contrário de Oribela, subjugam-se ao patriarcado e, pior, o perpetua através de sua fala e seu comportamento.

Sabe-se que “o ponto de vista daquele que sustenta uma opinião será igualmente determinado pela maneira como ele instala o discurso de outrem, com vistas a refutá-lo ou a consolidar seu próprio discurso” (BERTRAND, 2003, p. 117), ou seja, Oribela consolida seu pensamento através da utilização da voz narrativa das outras personagens, corroborando seu discurso de luta, contrariando de alguma maneira a todos que lhe impõem algo. Logo, é com base na maneira como as outras personagens se colocam na narrativa que a narradora afirma sua identidade detentora de uma voz subversora do discurso patriarcal. Sendo assim,

(...) o ponto de vista explicitamente feminino vai se construindo não apenas pelo conteúdo, que sempre remete a elementos telúricos, ao papel da mulher ao primado da sensibilidade e intuição sobre a razão lógica, mas também para uma linguagem que rompe com o discurso racional, marca principal do patriarcado” (ESTEVES, 2010, p. 195).

Em outras palavras, Oribela apresenta, através de sua fala permeada por sonhos, devaneios e explicitação de desejos mais íntimos, fatos que desmistificam a ideia de uma mulher submissa, que acata as ordens sem questionamentos, sem problematizar sua condição. Ao contrário, há um tom de denúncia que permeia a obra, uma necessidade angustiada de contar como tudo aconteceu, já que, apesar de se tratar de um texto ficcional, traz em seu cerne uma plausibilidade quase mórbida, dadas as condições que ainda vivem as mulheres na contemporaneidade, confirmando o que já foi dito dos reflexos que a vida provoca na arte e vice versa.

Isso posto, apresenta-se um excerto que demonstra o posicionamento da Igreja no que diz respeito ao comportamento feminino e qual é a reação de Oribela diante do discurso propagado.

E disse o padre, que era de missa e sermão. Quem quiser viver neste mundo, perderá a si mesmo, quem quiser perder a si mesmo por amor de Deus nesta vida, na verdadeira vida possuirá a si mesmo. E para ir ao céu, que se esforcem a sentir todos os sofrimentos e tribulações, dádivas, sem folganças nem vícios nem pecados soterrados na alma, corrigidos por trabalhos corporais, apartados do mal por cilícios, em si de si mesmo, de si mesmo a si, sem malícias, enfermidades. Não pude mais ouvir, tal em mim o ardor. (MIRANDA, 1996, p. 17)

Há nessa passagem uma pregação do padre da nau, sugerindo aos fiéis que ali estavam que o reino de Deus seria alcançado através da entrega corporal, da penitência, explícita através da palavra cilício (objeto que se utiliza para incomodar a pele, podendo ser constituído por tecidos ásperos, sacos de estopa ou mesmo pequenos ferros que, longe de perfurar a pele, causam certo incômodo, sendo eficazes na mortificação do sentido do tato)⁴. Logo, a Igreja pregava a constante vigília, tanto do corpo quanto da mente, para que estes permanecessem em constante alinhamento com os preceitos religiosos. Quando Oribela retoma a voz narrativa, percebe-se seu desajuste com o que estava ouvindo. Por ter pensamentos libertadores, ela deixa de ouvir o que o padre está dizendo, pois desde sempre quer livrar-se das obrigações que lhe são impostas. Sua formação é religiosa, seu pensamento é voltar para o convento em Portugal, mas ainda assim seu corpo arde em clamor por liberdade. Em outras palavras, não há como divagar diante de tantas imposições que não fazem sentido face ao que seu corpo sente.

Relacionado a esse ardor, tem-se o posicionamento de Oribela em relação ao homem que será seu amante do decorrer da história. E mais uma vez, há uma tentativa de silenciamento desses sonhos e vontades que ela tem.

Muitas vezes abria eu os olhos e estava ele avoando acima o meu catre e se fechava eu os olhos ainda estava ele, metido dentro de mim e se tinha eu lembrança de um sonho era ele quem me tomava as mãos e levava pelos ares ou vinha a cavalo com vestidos e arreios muito lustrosos [...] Depois de estar um grande espaço

⁴ <https://padrepauloricardo.org/episodios/a-igreja-ainda-aprova-o-uso-do-cilicio>

pensativa, a Velha disse. Deves deixar os moimentos da alma e aceitar teu destino à sombra de teu esposo e de desenfadar. Mas os sonhos não são males. São desejos. (MIRANDA, 1996, p. 136)

Nesse trecho, percebem-se os elementos telúricos, onde Oribela conta o sonho com Ximeno Dias para a Velha que a levou de Portugal para o Brasil. Em conversa com essa personagem, a narradora expõe seus anseios em relação ao mouro, um homem que, até esse momento, tinha sido visto apenas uma vez, mas que mexeu sobremaneira com seus pensamentos, tornando-se figura frequente em seus sonhos. Remete-se, pois, ao ardor do corpo de Oribela, destacado anteriormente, e que representa esses pensamentos e devaneios proibidos. O corpo da personagem não arde apenas clamando por liberdade, arde de desejo, despertado por um homem que não pode ser seu, não pode ser desejado, pois esse não é o desejo daqueles que seguram o títere da sua vida.

Entretanto, é quando a voz narrativa da Velha aparece que se percebe essa diferença de posicionamento discursivo. Ela, a Velha, que é desprovida de nome ao logo da narrativa, característica que demonstra a irrelevância da figura e pensamento feminino, sabe da importância do sonho. É possível que seus pensamentos também sejam permeados por ideais libertadores, por sonhos que representam desejos reprimidos, mas permanece firme na perpetuação do discurso da Igreja, da qual é uma representante e tem por obrigação, estar de acordo com o que é pregado. Nota-se, portanto, essa repressão não apenas do que é dito, mas do que é pensamento e sentido. A Velha sabe que apenas pensar não muda nenhum padrão, por isso, é melhor não fazê-lo, e, conseqüentemente, reprime-se em prol da manutenção desse discurso dominante, que prega o casamento e a formação de uma família como único caminho possível para uma mulher, ainda mais uma mulher órfã.

Em relação à diferença discursiva entre Oribela e o marido, muitas são as evidências que comprovam a supremacia masculina sobre a feminina. No excerto a seguir, tem-se a preocupação de Francisco de Albuquerque com a personalidade da esposa, sempre questionadora, mas que também silencia diante de tudo que é obrigada a viver.

Disse Francisco de Albuquerque. Desterra da tua mente teus segredos. A franqueza é nobre e a amizade é capa dos desamparados, mulher desassossegada. Diz logo. Que fogo é esse que te arça? Se tens amor deixado em outras terras diz agora. E disse eu. Meu silêncio te dirá o que meu coração em si cala. (MIRANDA, 1996, p. 83)

O fato de a narradora ser uma menina de treze anos, ter sido retirada de sua terra, ser órfã, não preocupava Francisco de Albuquerque. O que o afligia era a existência de amores passados, já que naquele momento a obrigação de Oribela era entregar-se ao marido e seguir os ensinamentos que lhe foram feitos antes do casamento. Em momento algum ele se questionava sobre a forma como o matrimônio acontecera, de forma imposta, ao contrário, queria que a esposa apagasse seu fogo e ímpeto mulhêr, apregoadado pela Igreja, e aceitasse seu destino. Mas ela, mais uma vez, reitera sua discordância com o casamento através do silenciamento, também uma maneira de resistir.

Ainda no que diz respeito à discordância dos discursos, tem-se o ápice do contraste, representado por outra figura feminina, que é quando a mãe do marido de Oribela detém a fala:

Dona Branca não fez rezas nem salvas, disse apenas um pouco agastada como cuspiu palavras. Então a cachopa é prenhada. Esta é a saudação que dás a mim e ao filho de teu filho? Se ficaste prenhe, basta. Não tens freio na língua nem chave na boca. E mais, estás tosquiada? Os cabelos carcomidos. Nem se sabe se és fêmea ou se és macho. E ainda as mais e os que se pode ver de pele, escarificadas. Não se por que respeito o filho trouxe uma mulher tal, tão contra o nosso jeito. E vais ficar? Ou te atija ainda o coração em fugas e grandes pecados? Disse Francisco de Albuquerque à mãe. Cala tua boca e recebe tua filha sem o fel de teu coração, por tua causa é que dona Oribela vive a querer fugir de nossa casa.” (MIRANDA, 1996, p. 192)

Há nesse momento um grande embate discursivo, pois a sogra nunca aceitou Oribela como nora, que sempre foi rebelde. Dona Branca questiona o comportamento contraventor de Oribela, que retorna para casa com os ‘cabelos carcomidos’, ou seja, perdeu sua característica feminina, pois ter um longo cabelo era uma forma de determinar a feminilidade e chamar a atenção do sexo oposto. Afirma ainda que o comportamento da nora é ‘tão contra o nosso jeito’, ora, Dona Branca é uma fiel seguidora dos mandamentos da Igreja e a personagem narradora

acaba de ser resgatada da segunda fuga e sua sogra não aceita esse comportamento totalmente fora dos padrões. Para ela, Oribela não servia para ser esposa de seu filho, pois ela não se curvava aos costumes da casa e estava sempre com o 'coração em fuga e grandes pecados'. Em outras palavras, ninguém compreendia que a vida como esposa de Francisco de Albuquerque não interessava à Oribela. Ela queria sua liberdade, primeiro voltar ao convento, e depois de conhecer o amor nos braços do amante, queria voltar para Ximeno Dias.

Há, enfim, nesses contrastes discursivos, ora travados com personagens masculinos, ora com femininos, uma luta entre a liberdade da figura da mulher e a manutenção do discurso patriarcal. Em outras palavras, não basta ser mulher para que os questionamentos sejam feitos, há a necessidade de compreender que aquilo que sempre foi imposto pode e deve ser questionado, e é isso que Oribela faz ao longo de toda narrativa. Nesse sentido, “a enunciação deve ser analisada ainda como a instância de instauração do sujeito” (FIORIN, 2008, p, 24), portanto, é quando Oribela detém a fala que se percebe como sua identidade combativa é constituída, como contraventora das ordens já estabelecidas. Identidade esta constituída com base na luta contra o discurso patriarcal dominante, através de seu poder argumentativo.

4. Conclusão

Objetivou-se mostrar como a construção argumentativa do texto literário muda a forma de percepção do fato histórico. A temática da narrativa poderia ser a mesma, com a defesa dos direitos da mulher, mas se fosse contada por uma figura masculina não causaria o mesmo impacto, os mesmos efeitos de sentidos. Quando Oribela detém a fala, percebe-se toda a dor sofrida ao longo de sua trajetória no desmundo, a começar pela saída do convento, passando pelo casamento forçado, o estupro na noite de núpcias e tantos outros fatos.

Entende-se, por fim, que esse é um recurso de expressão que coloca em evidência a voz dos silenciados ao longo da história, dando a eles força argumentativa para contarem suas dores e tragédias pessoais, além de promover a desconstrução dos discursos históricos hegemônicos. Além disso, toda essa

desconstrução proposta pela metaficção, que dá voz à figura feminina, transcende a arte literária e reverbera na vida de todas as mulheres que permanecem lutando contra as imposições que lhe são feitas cotidianamente. Apesar de contemporâneo, *Desmundo* representa uma época e um tipo de comportamento que se sabe verdadeiro, e que, infelizmente, perpetua de alguma maneira na vida das mulheres, sempre rodeadas de regras e imposições que muitas das vezes nem são percebidas. Discutir esse tipo de narrativa e as proposições feitas ao longo desse texto são, portanto, fundamentais para a mudança de padrões que perpassam o passado histórico e transcendem a arte, numa tentativa firme e constante de resistência.

5. Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica Literária**. Bauru - SP: Edusp, 2003.

BERTRAND, Denis; STANGE, Verónica Estay. Reflexões sobre a perspectiva gerativa em semiótica. In: CORTINA, Arnaldo; SILVA, Fernando Moreno da (Orgs). **Semiótica e Comunicação: estudos sobre textos sincréticos**. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2014. p. 13-22. (Trilhas Linguísticas).

ESTEVES, Antônio R. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MIRANDA, Ana. **Desmundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu SILVA. **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Artigo recebido em 22/05/2018

Artigo aceito em 01/07/2018